

Rede monitora alta do nível do mar

Brasil investe na pesquisa em dez áreas com o objetivo de avaliar impactos do aquecimento global

Carolina Stanisci

ESPECIAL PARA O ESTADO

O Brasil dará no próximo mês o primeiro passo para criar uma série histórica e inédita sobre a elevação do nível do mar em todo o litoral. A consolidação dos dados será possível com a formação da Rede Clima, que une pesquisadores para investigar o impacto das mudanças climáticas em áreas consideradas estratégicas, como agricultura e zonas costeiras.

Para discutir a dimensão da elevação do nível das águas no País, 40 cientistas vão se reunir em Rio Grande (RS), entre os dias 13 e 16 de setembro.

Reunião no mês que vem discutirá primeiros passos de vários estudos

O método de pesquisa em rede ganhou relevância após a divulgação do relatório do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC), ao tratar do aquecimento global, em 2007. Com a proximidade do encontro das Nações Unidas (ONU) sobre o clima em Copenhague, em dezembro, os pesquisadores têm intensificado os estudos. “É preciso construir um novo conhecimento”, diz o climatologista Carlos Nobre, do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe).

Membro do painel sobre mudanças climáticas na ONU, ele coordena as duas iniciativas do governo para enfrentar o desafio: a Rede Clima e o Instituto Nacional para Mudanças Climáticas. Foram quase R\$ 20 milhões de investimento.

A rede, criada pelo Ministério da Ciência e Tecnologia em 2007, recebeu no ano passado R\$10 milhões por meio da Financiadora de Estudos e Projetos (Finep), empresa pública ligada ao Ministério da Ciência e Tecnologia. Nela, 150 pesquisadores de 40 instituições brasileiras estão interligados virtualmente. Os pesquisadores estão divididos em dez áreas – agricultura, saúde, zonas costeiras, biodiversidade e ecossistemas, recursos hídricos, energias renováveis, cidades, economia, desenvolvimento regional e modelagem das mudanças climáticas.

Cada nó desse emaranhado virtual é chefiado por uma instituição. É o caso da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), que coordena



NILTON FUKUDA/AE

TROCA DE INFORMAÇÃO – ‘É preciso construir um novo conhecimento’, afirma o climatologista Carlos Nobre, do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais

nas outras 15 instituições da sub-rede de agricultura. Segundo o pesquisador Eduardo Assad, os cenários climáticos são do Inpe e eles fazem a simulação do que pode ocorrer com culturas de milho, café, soja, cana-de-açúcar e outras quando há aumento da temperatura. As projeções dão ideia de como as culturas vão reagir com a possível alta de até 2°C, limite máximo de aquecimento em relação à era pré-industrial que os países do G-8, em reunião na Itália, neste ano, acordaram como meta.

Na Universidade Federal de Viçosa (MG), oito pesquisadores e 30 estudantes vão além da simulação. Há dois anos, eles investigam o impacto do aquecimento no plantio de milho e feijão. O experimento consiste em aumentar a concentração de gás carbônico e a temperatura das culturas. “Elas gostaram do gás carbônico, mas não da temperatura aumentada”, diz Luiz Cláudio Costa, reitor da universidade.

NO MAR

O diretor do Instituto de Oceanografia da Universidade Federal do Rio Grande (Furg), Carlos Garcia, destaca a gravidade da questão. “O planeta está aquecendo e há excesso de energia. Cerca de 80% dessa energia fica retida nos oceanos, causando a expansão da água.”

Coordenador da sub-rede das zonas costeiras, ele crê que a reunião de setembro dará subsídio para avaliação de componentes afetados pelo aumento do nível do mar, como as regiões de manguezais. O objetivo da pesquisa é obter informações para que cidades vulneráveis enfrentem o problema. “Tudo é afetado pelas mudanças climáticas”, conclui Nobre.

Por isso profissionais de quase todas as áreas do conhecimento caíram nas redes. É o caso da saúde. Há quem aponte que doenças cujo transmissor seja o mosquito registrarão expansão de casos. Não é o que pensa o geógrafo Christovam

Barcellos, do Centro de Informação Científica e Tecnológica e integrante da Rede Clima ao lado de outros dez pesquisadores da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz).

“Dizer que dengue e malária vão aumentar com o aquecimento global é especulação”, afirma. Para ele, a dengue pode até se espalhar pois o mosquito está mais “urbanizado”. Mas no caso da malária, Barcellos refuta a generalização. “Se o clima está mudando, a paisagem na Amazônia, onde está o mosquito da malária, também vai mudar”, afirma, concluindo que não é possível saber como o transmissor da doença continuará na região. A Fiocruz prepara um observatório com dados sobre saúde e mudanças climáticas. O material ficará online e terá acesso diferenciado para pesquisadores e público em geral. O projeto-piloto está previsto para novembro. ●

Matéria